

****Capítulo 11 - Agradecimentos e Desculpas**** — Meu pai me levou pra ser um mafioso! Quero agradecer muito, mas também preciso me desculpar. Ainda não cumpri as atualizações extras prometidas por aquela doação generosa no meu outro livro, mas juro que não esqueci! Hoje provavelmente não terá atualização. Já avisei no grupo. Um amigo meu está se casando, saí no dia 29 e cheguei em Gaozhou às seis da manhã do dia 30. Desde então, estou correndo pra ajudar em tudo. A atualização de ontem só saiu porque eu tinha um rascunho guardado. Por favor, me perdoem, pessoal! Mas amanhã volto para Shenzhen. Se chegar cedo e ainda tiver energia, vou tentar compensar com uma atualização extra! Ah, e mais uma coisa. Vou mudar o título e a sinopse do livro. Se alguém tiver ideias legais, pode deixar nos comentários ou no mural. Se eu gostar, vou "pegar emprestado" sem vergonha! --- ****Capítulo 12 - Boa Noite**** O distrito industrial NID à noite é a definição perfeita de terra abandonada. A apenas um "muro" de distância, do outro lado, o céu brilha com néons, placas de propaganda e até o reflexo colorido de um peixe dourado holográfico. Mas no lado do NID, o silêncio é absoluto. Nessa enorme área industrial, apenas algumas luzes amareladas ainda funcionam, provando que o lugar não foi completamente esquecido. Mas só isso. Ao adentrar o complexo abandonado, vê-se muros derrubados, postes de luz quebrados e pilhas de carros amontoados como torres. Os containers estão cobertos de grafites, e qualquer um que reconheça os desenhos de aranhas de múltiplos olhos sabe que é hora de sair dali. Na Cidade Noturna, todo mundo sabe: aquele símbolo pertence a uma gangue de ciberloucos. A gangue Vortex. Um bando de psicopatas perigosíssimos, e os velhos distritos industriais são seus territórios. Mas, nos últimos dias, o NID recebeu novos visitantes. Homens de músculos salientes, lenços vermelhos e verdes na cabeça ou nos braços, tatuagens cobrindo seus corpos naturais, carregando metralhadoras, submetralhadoras e granadas. A notícia se espalhou: um pequeno grupo da gangue Animal havia se instalado no NID. Eles não são tão insanos quanto a Vortex, mas também não são flor que se cheire. Afinal, que gangue na Cidade Noturna é inofensiva? Até criminosos comuns parecem anjos perto deles. A novidade causou rebuliço. Alguns mercenários preferiram ficar de molho antes de aceitar trabalhos por ali. Quando uma gangue invade o território de outra, só pode acabar de um jeito: guerra. E se a gangue invadida é a Vortex... Melhor não estar por perto quando começar. Ninguém quer estar no meio de um tiroteio ou levar um tiro de bazuca enquanto toma uma cerveja. Em uma das fábricas abandonadas, a aranha de múltiplos olhos no grafite foi coberta por uma nova pintura: um urso marrom rugindo, mas com a boca torta. Mais um símbolo de gangue. Sob luzes coloridas, no meio de óleo, lixo e destroços, alguns homens conversavam sentados em tambores de tinta ou estruturas de metal. — Amanhã temos que sair daqui, Gemudo. Não é mais seguro. Se aqueles caras descobrirem onde estamos, vai ter briga. Prefiro morrer do que ser pego por eles. O homem que falava levantava halteres, sua voz cheia de desprezo pela gangue Vortex. A gangue Animal e a Vortex têm filosofias opostas. A primeira rejeita implantes cibernéticos, acreditando no poder dos músculos naturais. A segunda enfia qualquer dispositivo no corpo sem pensar duas vezes. — Eu sei. Saímos de manhã. Mas puta merda! Aquele carro hoje era blindado demais. Se não fosse isso, a missão teria dado certo. Malditos cachorros da corporação! O carro é à prova de balas, ok, mas como sobreviveram a um capotamento de dezenas de metros? — E o intermediário? Vamos atrás dele e arrancar a cabeça? Já estou enjoado daquela cara metálica. Toda vez que ele olha pra mim, sinto nojo. E o hálito? Parece uma mistura de óleo de motor com suplemento podre. Gemudo, uma mulher de músculos salientes, falou com raiva. — Se ele nos entregou, é porque não tem medo. Entre nós e a corporação, ele com certeza teme mais a corporação. — É, ele tem contatos na Militech. Não vai tremer por causa da gente. O que você tá pensando? Enquanto discutiam, um homem de lenço vermelho no pescoço, torso nu e postura descontraída, de repente levantou a mão. — Quietos! Ouvi algo lá fora. Com um dispositivo de escuta no ouvido, ele franziu os olhos, olhando para a porta trancada. — O quê? — Gemudo baixou a voz e agarrou a submetralhadora caseira, alerta. — A Vortex nos achou? — Não tenho certeza... mas tem movimento lá fora. E parece coisa grande. O homem de lenço vermelho fez sinal de silêncio. — Shhh... fiquem quietos. Nada de barulho. Ele se aproximou da porta, passo a passo, e os sons ficaram mais claros. Do lado de fora do portão de ferro — Matem ele! Ele acabou com o Com! Não

podemos deixar esse maluco escapar! — Joga a granada, bum! — Porra, que tipo de implante esse cara tem? Não consigo identificar! — Que diabos é esse cara? De onde veio essa encomenda? Os gritos e os sons de explosões ecoavam. Puta merda, aquilo era uma granada? Lenço Vermelho aproximou-se do portão com cautela, o exoesqueleto transmitindo os sons do lado de fora. Mas ele mal podia acreditar que alguém teria a coragem de mexer com a Gangue do Vórtice no meio da noite. Isso era loucura. Até ele e Gemma sabiam que a Gangue do Vórtice era um bando de malucos completos. Ninguém em sã consciência mexia com eles. — Será que meu aparelho tá com defeito? Lenço Vermelho tocou o dispositivo com os dedos grossos, reiniciando-o. Quando tentou ouvir de novo, o barulho lá fora havia cessado. Gemma segurava a arma, olhando para ele com desconfiança. Lenço Vermelho levantou os ombros, fazendo um gesto de "não sei". Gemma relaxou. Por mais doida que fosse, até ela evitava problemas com aquela gangue. — Deve ser só um bug no sistema. Comprei esse negócio pra escutar conversas, não tiroteio. Se fosse real, o barulho tava bem mais perto. Lenço Vermelho esticou os braços. — Bora malhar, Gemma. Tô fraco esses dias. — Vai se f— Gemma interrompeu-se de repente, os olhos arregalados ao olhar para trás dele. *CRAC!* O portão trancado começou a sacudir violentamente. O pessoal da Gangue Animal reagiu na hora, armas apontadas. Ao lado de Gemma, um deles até ergueu um lançador de foguetes — o mesmo que quase matou David e os outros mais cedo. — Ah, tá trancado? Então é aqui mesmo. A Gangue do Vórtice até que deu uma boa dica. A voz do lado de fora ecoou clara. *TATATATÁ!* Sem hesitar, a Gangue Animal abriu fogo. Luzes de disparos iluminaram a fábrica abandonada, criando uma sinfonia de balas cruzadas. *POW!* Um soco atravessou o portão de ferro — com um braço completamente humano, sem nenhum implante. A mão agarrou a fechadura enferrujada. *CRUNCH!* O cadeado se partiu sob força bruta, e o portão foi arrancado. Um homem de cabelo oleoso apareceu na entrada, as roupas esfarrapadas pelos tiros. Ele nem se importou. — Boa noite, pessoal da Gangue Animal. Vim atrás de uns conhecidos... Ah, Cassi Onris, Gemma Hsilia, vocês estão aqui mesmo. Ele apontou para Lenço Vermelho e Gemma. — Então tá resolvido. Virou as costas. — Quem caralhos é você? Um agente das corporações? — Cassi observou a pele impecável do homem, sem marcas de implantes. Um natural? Natural, o caralho! Metralhadoras que furariam aço de 6 cm não fizeram nada contra ele. Como isso era possível? O homem ignorou Cassi. Sorrindo, puxou o portão de volta no lugar. *CLANG!* A fechadura quebrada mal se segurou. — Agora podemos conversar. *BAM!* O portão se fechou, isolando o que acontecia dentro da fábrica. Mas os gritos e tiros ainda ecoavam. Mas, bem, isso era Cidade do Leste, né? --- ### Capítulo 13 — A Dúvida de David *Hospital, 4 da manhã* David caminhava pelos corredores do hospital, cabeça baixa, evitando os robôs de segurança e os guardas armados. O hospital à noite tinha um clima estranho, que lhe dava um frio na espinha. Ele odiava aquela sensação. — Mãe, come um pouco. Segurando o suplemento nutricional, ele bateu na porta do quarto de Gloria antes de entrar. Dentro, respirou aliviado. Aquele monte de máquinas e guardas o deixava paranóico, como se pudessem atacar a qualquer momento. Gloria estava sentada, olhando para os arranha-céus através da janela, como se esperasse algo. David sentiu um aperto no peito. Ele sabia que, como Lin Wen dissera, ainda era uma criança — queria atenção, brigava por bobagem. Mas o que aconteceu hoje provou o quanto ele significava para Gloria. Quando ela acordou no leito do hospital, a primeira palavra que saiu de sua boca foi "David". Mesmo estando com Lin Wen ao seu lado, isso não diminuiu o carinho que sentia por si mesma. Pelo contrário—Ao ouvir a voz de David, Glória virou-se. Primeiro, um sorriso natural surgiu em seus lábios, suave como a brisa da manhã. Ela acenou com a cabeça em sinal de aprovação e disse: — Pode deixar aí mesmo, depois eu como. David assentiu, obediente. Colocou as bisnagas de suplemento nutricional sobre a bandeja de metal e acomodou-se ao lado de Glória, num gesto familiar que demonstrava anos de cumplicidade.